



SUPERINTENDÊNCIA DE SEGUROS PRIVADOS

ROTEIRO DE MÉTRICA DE PONTOS DE HISTÓRIA (STORY POINT)

1. Para que o sistema seja construído, é necessário priorizar e pontuar as histórias de usuário, a fim de adicioná-las às sprints de construção.
2. A responsabilidade de manter e priorizar o backlog é sempre do *Product Owner* (PO) e pode ser realizada a qualquer momento, antes ou durante a reunião de planejamento da sprint (*planning*).
3. Por outro lado, a responsabilidade de pontuar as histórias é compartilhada com o time de desenvolvimento, visando obter uma visão conjunta do esforço necessário para concluir cada item.
4. A métrica a ser utilizada será pontos de história. Essa técnica é mais adequada em projetos ágeis, pois permite uma abordagem flexível e adaptável em comparação com outros métodos, como a Análise de Ponto de Função (APF). Por meio dessa métrica, é possível obter um valor comparativo entre as histórias de usuário, revelando aquelas que demandarão maior ou menor esforço de construção em comparação com as demais.
5. A sequência Fibonacci será utilizada como valores de pontuação devido à sua escala não linear, que reflete a natureza também não linear do esforço necessário para implementar as histórias de usuário. Essa característica permite avaliar o esforço de forma relativa, distinguindo claramente entre histórias simples e complexas, e graduando-as adequadamente.
6. Para alcançar esse objetivo, foi elaborado o seguinte roteiro de medição:
 - a. O primeiro passo na reunião de planejamento é verificar o tamanho máximo de pontos de história a serem alocados na sprint, levando em consideração o tipo de sprint e o *timebox*.
 - b. Em seguida, o PO apresenta os requisitos das histórias a serem construídas, seguindo a ordem de prioridade estabelecida.
 - c. Passa-se, então, à pontuação de cada uma das histórias. Essa fase é feita por rodadas.

- d. Em cada rodada, cada um dos participantes da *planning* (PO, gerente de produto, líder do desenvolvimento – *Scrum Master*, desenvolvedores e demais envolvidos) informam simultaneamente o esforço que acreditam ser necessário para construir aquela história.
- e. Caso haja divergência nas pontuações, os participantes que deram a menor e a maior pontuação devem explicar o motivo da sua nota para que sua percepção seja compartilhada com os demais participantes. É franqueado para que outros participantes justifiquem sua pontuação, caso discordem das justificativas dos participantes que deram a maior e a menor nota. Após as justificativas, é realizada uma nova rodada de avaliação da história. O líder da equipe de desenvolvimento (*Scrum Master*) decidirá quanto à oportunidade em realizar nova rodada de pontuação ou não, com base na percepção de convergência para uma pontuação comum ou não.
- f. Se a divergência não for resolvida nas rodadas de pontuação, os representantes da empresa terceirizada e os participantes da Susep devem chegar a uma nota única para representar suas respectivas partes. Caso haja divergência nessas notas, um representante da Susep e um representante da empresa devem justificar suas notas. Os representantes deverão ter autonomia para alterar a nota da empresa ou da Susep caso se convençam de que a outra nota é mais adequada. Se, ainda assim, não houver consenso, prevalecerá a pontuação estabelecida pela Susep.
- g. Após serem pontuadas, as histórias devem ser selecionadas para a sprint, seguindo a ordem de priorização, até que o tamanho máximo de pontos de história seja alocado.
- h. Quando as histórias a serem construídas permitirem, o PO poderá alterar a priorização para otimizar a sprint e permitir a construção do máximo de pontos de história possível.
- i. Também para otimizar a seleção de histórias selecionadas para a sprint, o *timebox* da sprint poderá ser ajustado após a pontuação das histórias.